

Reordenar o mundo



• introdução

• in "Igreja-em-Diálogo"

vol XII, n^o 1/2, Junho 76

Junho 76

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

INTRODUÇÃO

vol XII nº 1/2 Junho 1976

Absorvidos e distraídos pelos sobressaltos e piruetas do nosso próprio processo revolucionário, mal temos dado conta de que no mundo inteiro fermenta uma enorme revolução. Trata-se de "substituir um sistema ressentido como um destino fatal, como o efeito de forças incontrolláveis, por uma aspiração a um conjunto de valores que sejam a expressão do mais amplo acordo sobre os fins que a si própria se deve dar a comunidade dos homens". (1) "Tais valores assentarão sobre uma dupla tomada de consciência: por um lado, o reconhecimento da unidade da humanidade na diversidade dos povos, das raças, das culturas; por outro lado, a afirmação de uma vontade de viver solidariamente, ressentida não só como uma necessidade de sobrevivência ou de coexistência, mas como uma escolha de um destino a modelar em comum e uma co-responsabilidade na construção do futuro da espécie humana". (2)

Assim se define o grande movimento mundial para o estabelecimento de uma nova ordem internacional - e os termos em que é formulado e as repercussões institucionais em que se tem traduzido permitem falar, sem hesitações, de revolução. Tentarei esboçar as etapas e a confluência de factores que permitem o seu eclodir neste tempo que vivemos.

Fundação Cuidar o Futuro

A década de 60 fora definida internacionalmente como "a década do desenvolvimento". As suas metas quantitativas estavam bem definidas: um crescimento interno do PNB de cada país sub-desenvolvido de cerca de 5%, uma ajuda dos países desenvolvidos que deveria atingir cerca de 1% do seu PNB. Ora, ainda a década de 60 não terminara, e já se tornava óbvio que "os ricos eram cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres".

Perante tal fracasso, as grandes instâncias internacionais pressentiram que só uma perspectiva global de objectivos permitiria que o fosso entre ricos e pobres se não acentuasse. É por isso que em 1970 a ONU adoptou, por unanimidade de todos os Estados-membros, a Estratégia da II Década do Desenvolvimento, propondo-se avaliá-la ao longo do percurso e especialmente a meio caminho.

(1) doc. Programme à moyen-terme (1977-1982), 19C/4, Março 1976, UNESCO.

(2) "Le Monde en Devenir" - Reflexão sobre a nova ordem económica internacional.



Embora tal Estratégia tivesse nascido do desejo de uma óptica globalizante e nela despontassem, aqui e ali, tímidas transformações qualitativas, ela não deixou de ser ainda uma expressão da mentalidade dominante, conduzindo ao referço das metas quantitativas tradicionais e do mito do valor universal das tecnologias e das economias dos países ricos.

Ora, numa época da história em que recomeçava a crise económica e em que cada mês e cada dia que passavam mais acentuavam as desigualdades entre os países ricos e os países pobres, uma Estratégia baseada numa expectativa quantitativa e em modelos repetitivos exprime de forma brutal, a contradição fundamental das relações internacionais.

Apenas faltava o gesto que fizesse rebentar a contradição. Esse gesto foi preparado em numerosas reuniões em todos os continentes e em todas as grandes organizações intergovernamentais, acabando por explodir na "rebelião" dos países produtores de petróleo. Revelado o poder do Terceiro Mundo - em termos do seu domínio sobre as próprias matérias primas e da sua denúncia verbal dos países ricos - estava começado um novo tipo de "revolução proletária" ao nível do planeta. A sua vanguarda não fora constituída pelos trabalhadores mas sim pelo conjunto de países "imensamente maioritário" que se lançou na luta contra a minoria de países detentora do dinheiro, do saber e do poder.

E assim a "maioria automática", que já em 1972 derrotara os EUA no fórum das Nações Unidas na votação relativa à entrada da China Continental na ONU, passou, de facto, ao nível do discurso, a possuidora do poder.

Nessa fase se revela a força actuante das palavras. Contrariamente à indiferença de certos países ricos que apenas viam nas palavras "slogans" para areópagos internacionais, verifica-se que as palavras adquirem poder inesperado. Deixaram de ser figuras de retórica. Abandonaram a lógica do cartesianismo e o compromisso dos acordos pragmáticos. As palavras tornam-se anunciadoras do acto e, no momento do seu paroxismo, são elas próprias acto novo posto na história. E assim que os países



pobres - a imensa maioria da humanidade - impõem à Assembleia Extraordinária das Nações Unidas no Verão de 74 onde se forja a declaração sobre a "nova ordem económica internacional".

E os países ricos? Descubrem no seio o germen de uma outra revolta. São atingidos pela crise económica mundial como efeito de ricochete dos processos que utilizaram. O desemprego surge como fruto de uma economia que se auto-consumiu e que só pode criar postos de trabalho alimentando necessidades artificiais. A economia atinge o seu ponto de rotura como ciência e como prática e aponta, no seu fracasso, para necessidades e actividades que directamente se não inscrevem no circuito económico. As estruturas do poder são de tal modo escravizantes que em todas as situações - do Leste ao Ocidente - se exprimem esboços de "contra-cultura", tomando as formas próprias a cada espaço cultural que as gera. Assim, na sociedade atomizada e individualista, a contra-cultura põe, em termos ingénuos, a comunidade e o interesse colectivo acima de um qualquer projecto individual enquanto, na sociedade colectivista, a contra-cultura afirma o direito inalienável da pessoa à sua autêntica expressão e à sua fundamental liberdade.

Fundação Cuidar o Futuro

Nas relações entre pessoas, nos ritos e mecanismos do aparelho (qualquer que ele seja), na escravidão a um trabalho que não é fonte de cultura, na industrialização dos tempos livres e da própria convivência, nos constrangimentos impostos e contrários à vivência personalizada da história única de cada ser humano, nos muros levantados à necessidade real de cada pessoa se sentir parte essencial de uma comunidade viva e forte - em tudo isso se revela a mais absoluta alienação do modo de viver. Tal alienação tem em si as condições para se transformar em consciência da contradição fundamental das sociedades assentes no crescimento económico. Através da revolta dos estudantes (Maio 68 em França, anos 67-70 na Califórnia), do movimento crescente para a auto-determinação das mulheres e para a sua organização enquanto força colectiva, do alertamento e das propostas do movimento ecológico, do lugar que passaram a ocupar na sociedade todos os marginais, essa contradição está em processo de explosão, fogo posto em locais dispersos de uma mesma floresta social e humana.

Não é menor - e por isso a singularizo - a força do novo pensamento que se gera em todas as sociedades ricas e que não só denuncia, pelo cinema, pelas



artes plásticas e pela literatura as componentes da contradição cultural em que tais sociedades vivem como esboça já, ainda que confusamente, os alicerces de um novo pensamento. Enquanto pensamente em certos círculos se aprende o marxismo, em tais sociedades o pensamento caminha para o meta-marxismo. Enquanto entre nós se tenta quadricular a realidade e fazer explicações exaustivas do real que temos vivido, o pensamento de ponta, em tais sociedades, renuncia a explicar, racionalizando-a ao infinito, a vivência social; antes procura abarcar numa só visão toda a interpenetração dos elementos desse mesmo real. (por ex., pertencem a outra época já ultrapassada os sociólogos que descrevem a nossa revolução em termos de resultados eleitorais ou de manifestações de rua, em termos de spinozismo ou de gonçalvismo, em termos de esquerda ou de direita - tudo isso é parte do real, sem dúvida, mas a revolução portuguesa é muito mais do que isso e infinitamente mais complexa do que isso).

E do mesmo modo que a palavra se torna acto, pela mediação da grande maioria da humanidade, também o pensamento se torna força de transformação pela mediação dos homens que laboriosamente o vão criando.

Conjugam-se, assim, no tempo, dois movimentos: o que resulta da revolta dos países pobres contra os países ricos e o que resulta da revolta interna existente nos países ricos. Usando a grelha de análise de Edgar Morin que me parece dar conta, da forma mais adequada, dos fenómenos sociais, eu diria que à escala do planeta se está processando a fusão da onda larga e da onda de choque para a criação de uma nova ordem internacional. Por outro lado, a onda larga da revolta do Terceiro Mundo, exprimindo-se por uma força descoberta em menos de vinte anos, contendo, no seu seio, avanços e recuos, divisões e alianças, mas avançando, com intensidade crescente, para o estabelecimento de uma verdadeira justiça social entre os povos. Por outro lado, a onda de choque da contestação interna das sociedades ricas denunciando a sua auto-suficiência e clamando, do seu isolamento nihilista, por uma integração de valores humanos esquecidos ou pisados pela industrialização e todos os seus sub-produtos.

A fusão das duas ondas é ainda só uma virtualidade, com momentos pontuais de coincidência e de reforço mútuo da sua amplitude. Contra tal fusão se erguem, dentro dos países pobres, o fatalismo dos esquemas importados dos países ricos, levando a divisões e a numerosas contradições com os inerentes desvios de percurso e, dentro dos países ricos, a rigidez e a



auto-defesa dos sistemas instituídos, tomados de pânico perante o que lhes aparece como subversão da ordem.

Ora essa subversão é real e irreversível. Simplesmente não é apenas a ordem interna que é ameaçada de subversão. É a ordem internacional - que só não vai ser subvertida porque não existem ou existe apenas como desordem - que procurará instaurar novas relações entre os povos e necessariamente novas maneiras de os povos se definirem a si próprios.

Uma tal "subversão" atingirá do mesmo modo os modelos implantados nos países ricos e os modelos importados e assimilados pelos países pobres cuja autonomia cultural está longe ainda de se repercutir na inovação tecnológica e científica que se traduziria em autonomia económica e nos modos de estruturar as relações e os objectivos sociais que se traduziria em total independência política.

De facto, as duas contradições que apontei fundem-se numa só - o mundo para sobreviver humanamente tem de "matar-se" a si próprio nas formas que actualmente reveste.

Mas a questão fundamental permanece: que força poderá levar para a frente um tal projecto num momento da história em que reina a desconfiança perante qualquer ideologia e perante qualquer liderança personalizada? que força poderá levar os homens a inventar outras maneiras de viver e a aguentarem, sem fraquezas, as épocas de transição, com toda a sua insegurança de provisório?

Torna-se cada vez mais evidente que a resolução das contradições que apontei se encontram não no registo em que são formuladas (forças políticas antagónicas, sistemas económicos inoperantes), mas na determinação de valores que conciliem dialecticamente identidade e solidariedade, progresso pontual e universalidade dos bens culturais e materiais. As antinomias ultrapassarão dialecticamente a contradição só podem ser geradas e formuladas e tornadas operacionais pelo imperativo moral ao nível dos indivíduos, dos grupos, das nações e da comunidade internacional. Queremos ou não um mundo mais justo, mais fraterno, mais solidário? Queremos ou não um mundo mais aberto à imaginação, mais livre, mais conducente à criatividade? Queremos ou não um mundo novo?



Várias vozes se fazem ouvir actualmente em resposta aos desafios levantados. Citarei uma (*):

"O que é necessário é fundamentalmente uma revolução da ética e um renascimento da moral no mundo moderno, começando ao nível do indivíduo e propagando-se para englobar toda a humanidade. Este novo código de ética deve basear-se no conhecimento real do estado presente do mundo e não numa versão romanceada dum mundo utópico em que a moral pudesse ser vivida sem dor nem luta. Daí a necessidade de ver o indivíduo como um ser humano total, autêntico, possuindo uma visão do mundo e uma consciência global. Se o homem ou a mulher da nossa época devem falar, que falem primeiro e sobre todas as coisas da sua obrigação universal, do seu dever global".

Fundação Cuidar o Futuro

(*) D. Paul Schaffer, "Perspectives et conséquences de l'âge culturel", in "Cultures", vol. II, nº 4, 1975, UNESCO.



O que fica aqui dito poderá parecer aos cristãos um novo "idealismo" que o mundo nos propõe, remetendo para uma época indeterminada a realização do que sugeri. E se muitos cristãos foram procurar em teorias políticas mais ou menos experimentadas a segurança dum horizonte messiânico próximo, será que agora lhes é proposta a caminhada inversa pela própria lógica do seu empenhamento social?

Em primeiro lugar, a proposta de nova ordem internacional não tem a garanti-la nada nem ninguém a não ser a vontade dos homens. A questão que se pode pôr é a de saber se, na nossa época, não há um lugar privilegiado nas prioridades dos cristãos para uma contribuição para esse "dever global". E se recapitularmos o que foi dito atrás, podemos facilmente concluir que, na vida interna dos países ricos como na dos países pobres, há tarefas que correspondem de forma mais próxima a esse dever global e que qualquer dessas tarefas não pode ser concebida nem realizada independentemente da tarefa universal da criação de uma verdadeira solidariedade.

Isto não quer dizer que a presença dos cristãos seja a garantia de que a nova ordem se vai instaurar, mas perante a fundamental ambiguidade de toda a empresa humana, os cristãos têm de dar testemunho da "esperança que neles habita".

Julgo ainda que uma nova ordem internacional, concebida em termos de valores de justiça, de fraternidade e de solidariedade, é uma "matéria histórica" que tem algo a ver com o Reino de Deus. Não que desemboque no Reino tal qual, de forma ingénua e tendencial. Mas a sua procura é, de forma não dita, parte da procura do Reino de justiça que Cristo veio instaurar.

Aproxima-se o tempo de Pentecostes, a celebração do dom e da presença do Espírito no meio dos homens. É o tempo em que cada homem ouve falar, na sua língua, das maravilhas de Deus. É o tempo em que cada homem é outorgado o seu estatuto de liberdade, possuidor do dom do Espírito, que o torna único na comunidade dos homens. É o tempo em que cada homem é revelado que o seu dom pessoal vale na interdependência dos dons dos outros homens. É o tempo em que é anunciado aos homens que o Espírito de Deus encherá a terra inteira e que então a alegria dos homens será completa.



Não haverá uma relação escondida, misteriosa mas real, entre o anúncio aos homens das maravilhas de Deus e a luta por um mundo em que essas maravilhas se manifestem?

Não haverá um apelo, manifestado na leitura dos acontecimentos presentes, a uma actuação cada vez mais livre e menos conformista em que se revelem os dons do Espírito em cada um de nós e a sermos assim plenamente parte da identidade nova das sociedades em que vivemos?

Não haverá um pacto exigente entre o Espírito e cada um de nós para que os dons que dele nos vêm sejam entrelaçados com outros dons para construirmos a sociedade nova?

Não haverá, neste provisório, nesta constante transição, neste tender para a imensa novidade do Espírito que nos diz que recomeçamos uma vez e outra e outra até que a alegria de todos os homens seja completa?

Não é altura de dizermos este ano, conscientes do desafio universal e global que a história nos lança, desejando que todos os homens sejam participantes dos bens da vida, certos de que em tal empresa só o Espírito nos poderá guiar, não é altura de dizermos:

"Creio no Espírito-Santo, Senhor e Fonte de vida"?

